



# Servindo a um Mundo Ferido em Solidariedade Inter-religiosa

*Um Chamado Cristão à Reflexão e Ação durante  
a Pandemia de COVID-19 e Além*



**World Council  
of Churches**



# Servindo a um Mundo Ferido em Solidariedade Inter-religiosa

*Um Chamado Cristão à Reflexão e Ação durante  
a Pandemia de COVID-19 e Além*

**Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso  
Conselho Mundial de Igrejas**



**World Council  
of Churches**

Servindo a um Mundo Ferido em Solidariedade Inter-religiosa  
Um Chamado Cristão à Reflexão e Ação durante a Pandemia de COVID-19  
e Além

Uma co-publicação do Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso (PCID) e do Conselho Mundial de Igrejas. Copyright © 2020 WCC Publications/PCID. Todos os direitos reservados. Cópias desta publicação podem ser feitas para uso não comercial. Pedimos encarecidamente que a editora da publicação seja contactada para qualquer outro uso. Contato: [publications@wcc-coe.org](mailto:publications@wcc-coe.org); [dialogo@interrel.va](mailto:dialogo@interrel.va)

As citações das escrituras são da Bíblia Sagrada, Nova Versão Internacional®, NVI®. Copyright © 1993, 2000 Biblica, Inc®. Citações utilizadas com permissão.

Desenho da capa: Irmã Judith Zoebelin, FSE  
(Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso)  
Design e tipografia: Beth Oberholtzer  
ISBN: 978-2-8254-1745-4

Conselho Mundial de Igrejas  
Route de Ferney 150  
Caixa Postal 2100  
1211 Genebra 2, Suíça  
<http://www.oikoumene.org>

Pontifício Conselho para  
o Diálogo Inter-religioso  
Via della Conciliazione, 5  
Código Postal 00120  
Cidade do Vaticano  
[www.pcinterreligious.org](http://www.pcinterreligious.org)

# Índice

- 6** Preâmbulo
- 8** A crise atual
- 11** Solidariedade sustentada pela esperança
- 13** Nossa base para a solidariedade inter-religiosa
- 16** Princípios
- 21** Recomendações
- 23** Conclusão

# Preâmbulo

O que significa para os Cristãos e Cristãs amar e servir nossos semelhantes em um mundo em que a pandemia de COVID-19 inflige sofrimento generalizado? Neste momento em que vivemos, o Conselho Mundial de Igrejas (CMI) e o Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso (PCID) conclamam os seguidores de Jesus Cristo a amar e servir ao próximo. Enfatizamos a importância de fazê-lo em solidariedade também com aqueles que professam e praticam religiões que são diferentes da nossa ou que não se consideram filiados a nenhuma tradição religiosa em particular.

Este documento visa oferecer uma base Cristã para a solidariedade inter-religiosa que pode inspirar e confirmar, nos Cristãos e Cristãs de todas as igrejas, o impulso de servir a um mundo ferido não só pela pandemia de COVID-19, mas também por muitas outras feridas. Embora este documento tenha como foco principal o público Cristão, esperamos que ele seja útil também para pessoas de outras religiões, que já responderam a esta crise com pensamentos semelhantes baseados em suas próprias tradições. O desafio global de responder a esta pandemia nos conclama a aumentar a consciência ecumênica e a cooperação inter-religiosas.

A parábola do Bom Samaritano (ver Lucas 10:25-37) ajuda-nos a refletir sobre a pergunta: “A quem somos chamados a amar e a

cuidar?”, e oferece orientações sobre as complexidades implícitas nos termos “serviço” e “solidariedade”. Jesus conta essa história no contexto do mandamento de amar ao próximo. Quando um homem é ferido e deixado na beira da estrada, membros de sua comunidade religiosa passam por ele e o ignoram. A pessoa que eventualmente para para ajudá-lo – um samaritano – vem de uma comunidade que vivia séculos de disputa com a comunidade do homem ferido sobre identidade religiosa, a forma correta de culto e o direito de participar de questões políticas. A parábola é um convite a refletir sobre a necessidade de transcender fronteiras no serviço e na solidariedade com os que sofrem. É também um apelo para que superemos as suposições negativas que possamos ter e a reconheçamos com humildade e gratidão que o ‘outro’ (neste caso o samaritano) pode nos mostrar o verdadeiro sentido do serviço e da solidariedade.

Esta parábola desafia os Cristãos e Cristãs a pensar sobre como viver em um mundo ferido pela pandemia de COVID-19 e pelos flagelos da intolerância religiosa, da discriminação, do racismo, da injustiça econômica e ecológica e de muitos outros pecados. Precisamos nos perguntar: quem está ferido, e quem ferimos ou negligenciamos? E em que lugares poderíamos nos surpreender ao ver em ação uma compaixão como a de Cristo? Essa história nos incita a superar preconceitos religiosos e culturais em relação tanto às pessoas a quem servimos quanto àquelas com as quais servimos em nossos esforços para aliviar o sofrimento e restaurar a cura e a integridade em um mundo pluralista. Ao mesmo tempo, ela nos dá uma esperança que é central para a nossa fé e a forma como a vivemos, quando percebemos que é o próprio Cristo, como o inesperado ‘outro’ – o samaritano –, que está oferecendo ajuda aos feridos.

# A crise atual

A pandemia de COVID-19 teve um impacto na comunidade global, trazendo urgências inevitáveis e revelando a falta de preparação de nossa parte. Ela alterou dramaticamente a vida diária de todos, e expôs de forma contundente a vulnerabilidade que todos os seres humanos compartilham. Além dos milhões de infectados fisicamente, muitos mais foram afetados psicologicamente, econômica, política e religiosamente; todos foram privados do culto público. As pessoas têm lutado para lidar com a morte e o luto, especialmente dada a impossibilidade de estar com seus entes queridos no leito de morte e realizar seus últimos ritos e funerais de maneira digna. O confinamento prostrou a economia mundial de joelhos, e o número de pessoas que passam fome no mundo pode dobrar devido a essa catástrofe. Ela também contribuiu para um aumento da violência doméstica. As exigências de distanciamento físico e social significaram o isolamento para muitas pessoas. Desespero, ansiedade e insegurança passaram a dominar a vida humana. O coronavírus afetou a todos – ricos e pobres, idosos e crianças, a cidade e o campo, fazendeiros e industrialistas, trabalhadores e estudantes.

Embora toda a humanidade tenha sido gravemente ferida, a pandemia nos lembrou das escandalosas lacunas entre ricos e pobres, entre privilegiados e desprivilegiados. Em muitos lugares, as pessoas doentes, idosas e com deficiência foram as que sofreram mais gravemente, muitas vezes com pouco

ou nenhum atendimento médico. A pandemia exacerbou preconceitos raciais e levou a um aumento da violência contra grupos há tempos considerados uma ameaça a um corpo político estruturado e sustentado por sistemas de desigualdade, exclusivismo, discriminação e dominação. As pessoas marginalizadas, especialmente migrantes, refugiados/as e prisioneiros/as, foram as mais afetadas por esta pandemia.

Esta miséria humana associada à pandemia de COVID-19 ocorre em um contexto mais amplo de sofrimento neste planeta. Muitas pessoas nos conclamaram a ouvir não apenas as vozes dos humanos que sofrem, mas também os prolongados gritos por socorro da Terra e de toda a comunidade da vida na Terra, que podem ser agravados pelas consequências econômicas de um mundo pós-COVID-19. Também podemos ver essa crise de saúde como um prenúncio de futuras crises relacionadas às mudanças climáticas e o ataque que sofre nossa biodiversidade. Precisamos urgentemente de uma conversão ecológica de atitudes e ações para cuidar mais efetivamente do nosso mundo, dando ouvidos aos gritos de dor da criação.

Esta maior conscientização de nossa vulnerabilidade compartilhada é um apelo para que adotemos novas formas de solidariedade que ultrapassem todas as fronteiras. Neste momento de crise, agradecemos pelo heróico serviço prestado pelos trabalhadores da saúde e por todos aqueles que continuaram a prestar serviços, arriscando até a própria saúde, independentemente de questões de identidade. Também vimos florescer sinais da solidariedade das pessoas com os necessitados, manifestada por meio do voluntariado e da caridade. Alegra-nos ver Cristãos e Cristãs, assim como pessoas de todas as religiões e boa vontade, colaborando para a construção de uma cultura de compaixão, chegando aos necessitados e vulneráveis com

assistência material, psicológica e espiritual, tanto no nível individual como institucional. Porque somos uma família humana, somos todos parentes como irmãos e irmãs e coabitantes da Terra, nosso lar comum. Nossa interdependência nos lembra que ninguém pode ser salvo por conta própria. O momento nos conclama a descobrir novas formas de solidariedade para repensar o mundo pós-COVID-19.

Cientes de que as relações inter-religiosas podem ser um meio poderoso de expressar e construir solidariedade e de nos abirmos aos recursos que chegam até nós de além dos nossos limites, convidamos através deste texto a uma reflexão sobre como nós, como Cristãos e Cristãs, podemos ser parceiro/as em solidariedade de todas as pessoas de fé e boa vontade. Neste caminho de solidariedade, diferentes comunidades se inspiram e se sustentam na esperança que encontramos em nossas respectivas tradições.

# Solidariedade sustentada pela esperança

Todas as pessoas têm esperanças e sonhos, e a esperança oferece força para sustentar a vontade humana de viver, mesmo em tempos difíceis. Como Cristãos e Cristãs, esperamos pelo reino prometido por Deus, no qual toda a criação seja reconciliada e unida em justiça e paz. Esta esperança transforma nossas vidas, apontando-nos para além do mundo presente e, ao mesmo tempo, levando-nos a seguir a Cristo a serviço deste mundo e de seu florescimento. Assim, toda pessoa Cristã é chamada a trabalhar em conjunto e colaborar com os seguidores de outras tradições religiosas para realizar nossa esperança de um mundo unido de justiça e paz. De forma mais ampla, somos chamados a ser homens e mulheres de esperança, trabalhando juntos com todas as pessoas de boa vontade por um mundo melhor.

A esperança é uma característica essencial de todas as religiões. Ao longo da história humana, sabemos que a esperança religiosa frequentemente inspirou as pessoas crentes a se preocuparem com amor e compaixão pelas pessoas que sofrem as tragédias da condição humana. Hoje, precisamos de valores éticos e espirituais universais e compartilhados para injetar uma nova esperança em um mundo devastado pela pandemia. As religiões podem oferecer uma contribuição preciosa neste sentido para despertar e guiar a humanidade na construção de uma nova ordem social nos níveis

local, regional, nacional e internacional. Esta nova visão deve ser baseada na unidade da família humana, bem como em uma herança de valores morais comuns a todos os seres humanos. Hoje, existe uma interconexão global que nos exorta a assumir a responsabilidade planetária com base em valores religiosos e éticos comuns para servir e curar o mundo pós-COVID-19. Somos chamados a reengajar-nos com o mundo, particularmente em resposta às terríveis feridas em nós mesmos, nossas famílias, nossas cidades e nações, e em toda a criação.

# Nossa base para a solidariedade inter-religiosa

Como Cristãos e Cristãs, vemos como base para a solidariedade inter-religiosa a nossa crença no Deus que é Uno em três Pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo:

- 1.** Todos os seres humanos são criaturas do Deus Uno, o Pai (ver Gênesis 1: 26-27), que tem o mesmo bom plano para todos. Somos irmãs e irmãos, conectados pelo amor e por nossa igual dignidade que não precisa ser conquistada. Portanto, como família unida pelo Criador Uno e criada à imagem de Deus, temos responsabilidade uns pelos outros. O fato de que estamos cientes disso nos desafia a ser a face e o instrumento do amor curador de Deus no mundo, defendendo e restaurando a dignidade de todos os seres humanos. Ao cuidar uns dos outros, ao remover obstáculos em nosso modo de ser, e ao tornar-nos pessoas responsáveis pelo bem-estar uns dos outros, honramos Aquele a cuja imagem fomos criados. Como nos mostra o Bom Samaritano, essa solidariedade é universal, transcende fronteiras, e se dirige a toda a humanidade. Nossa conexão fundamental e nossa origem compartilhada importam muito mais do que as divisões percebidas construídas por humanos.
- 2.** A nossa confiança e esperança estão em Jesus Cristo, que cura por suas feridas (ver 1 Pedro 2:24). Em Jesus Cristo,

enfrentamos o sofrimento sem perder nossa fundamentada esperança. Em seu sacrifício, Jesus mostrou compaixão – em seu sentido original de co-sofrimento ou sofrimento conjunto – ao extremo da cura, em um amor que ultrapassa nossa compreensão. Nós, como Cristãos e Cristãs, somos conclamados a essa mesma cura, a “sofrer em conjunto”, nos tornando canais do amor de Jesus ao mesmo tempo em que dependemos deste amor para nossa própria cura. É a compaixão do Bom Samaritano que nos permite vê-lo como imagem de Cristo, cuidando das feridas do mundo. Reconhecemos que as virtudes da misericórdia e da compaixão por todos os que sofrem ressoam em outras tradições religiosas, que também têm ricos exemplos de generosidade e preocupação com os mais necessitados.

- 3.** Também vemos Cristo no homem ferido à beira do caminho. No sofrimento de nossos irmãos e irmãs, encontramos o rosto de Cristo sofredor (ver Mateus 25: 31-46). Esta compreensão do co-sofrimento de Cristo com toda a humanidade desafia a nós, Cristãos e Cristãs, a reconhecer que todo sofrimento tem a mesma dignidade e o mesmo direito de cura – e que “nenhum destes pequeninos” (Mateus 18:14) pode ser deixado para trás. Para nós, a solidariedade de Jesus para com o sofredor é tão radical quanto transformadora: ela abraça plenamente as feridas do mundo, não se distanciando da dor do outro e tomando-a para si. No entanto, na ressurreição de Jesus dos mortos, esta solidariedade abre também uma nova forma de ser para todos. A ressurreição é a prova e a certeza de que o amor é mais forte do que qualquer ferida, por mais profunda que seja, e que a morte não terá a palavra final.
- 4.** Quando somos solidários para com o próximo, somos conectados pela obra do Espírito Santo. O Espírito Santo “sopra onde quer” (João 3:8). Quando nos voltamos para

o outro, especialmente para uma pessoa necessitada, como faz o Bom Samaritano, podemos muito bem nos surpreender e nos emocionar com a maneira como vemos Deus trabalhando. Como força espiritual que nos dirige a Deus na oração e ao próximo no serviço e na solidariedade, o Espírito nos conecta de maneira particular com todas as pessoas de fé. Ele nos capacita com dons que devemos usar para o propósito de edificar as pessoas. Ele tem a capacidade de produzir em nós obras de amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio, e de afastar-nos do caminho da presunção, da competição e da inveja (ver Gálatas 5:22-23, 26). É também o Espírito que nos envia ao mundo para sermos nele boas novas e as mãos de Cristo, cuidando de todos os que sofrem.

# Princípios

Nossa crença na importância de trilhar este caminho juntos se reflete no fato de que o CMI e o PCID escreveram este documento juntos. Acreditamos que tanto o processo de concepção quanto o conteúdo deste documento refletem nossa responsabilidade como Cristãos e Cristãs de se engajar no diálogo com seguidores/as de outras tradições religiosas e nossa abertura a assim fazer. Reconhecemos, assim, os princípios abaixo como ferramentas para nos guiar no trabalho de servir uns aos outros em um mundo ferido, junto com todas as pessoas de fé e boa vontade. Eles se originam de nossa crença compartilhada em Deus Pai, no Filho e no Espírito Santo, e no plano de Deus para toda a humanidade.

**1. Humildade e vulnerabilidade:** Como Cristãos e Cristãs, somos chamados/as a andar humildemente com o nosso Senhor (ver Miquéias 6:8 e Mateus 11:29) e estar dispostos/as a partilhar dos sofrimentos de Cristo e do mundo. Ao abrir-nos para essa “ousadia e carinho”, aprendemos a viver nosso testemunho como o ato de compartilhar a existência. Em tal humildade e vulnerabilidade, seguimos o exemplo de Cristo e seu amor sacrificial, e nele alcançamos nosso pleno potencial (ver Filipenses 2: 5-11). É o orgulho e a incapacidade de nos abirmos suficientemente ao próximo para crescer que nos aprisionam em posições arraigadas que criam e perpetuam a divisão. Como Jacó em sua luta com Deus, devemos correr o

risco de se ferir para receber a bênção (ver Gênesis 32: 22-32). Nos tornamos vulneráveis ao desafiar as estruturas de poder com a verdade e ao levantar nossa voz pelos que sofrem injustiça. Também acreditamos na justiça como base para o perdão, sem a qual conflitos não podem ser resolvidos, e temos uma longa tradição de Cristãos e Cristãs que deram suas vidas na luta pela justiça, ecoando o abnegado sacrifício de Jesus Cristo.

- 2. Respeito:** Como Cristãos e Cristãs, precisamos respeitar a situação única e complexa de cada indivíduo e seu direito de contar sua própria história. Somos chamados a ver e tratar as pessoas como sujeitos de suas próprias histórias – e não como objetos das nossas – e a resistir à usurpação de seus direitos e liberdades, como os relacionados a sua saúde física ou mental, sua nacionalidade, sua renda, seu sexo, a cor de sua pele etc. Ao fazê-lo, testemunhamos um Deus cuja autorrevelação, em um momento e lugar específicos, no rosto humano de Jesus Cristo (ver João 1:14), reafirma a humanidade como um todo e o fato de que todos os seres humanos são criados à imagem de Deus. Isso nos obriga a trabalhar para fechar as lacunas e curar as desigualdades onde quer que ocorram, incluindo entre ricos e pobres e homens e mulheres, em diálogo e colaboração com aqueles cujas vidas e histórias são frequentemente suprimidas por essas desigualdades (ver Mateus 7:12).
- 3. Comunidade, compaixão e o bem comum:** Esses valores formam a base de nosso compromisso com o mundo (ver Mateus 5:7). Somos chamados a abraçar a realidade complexa e dolorosa da vida humana, assim como Deus fez ao se tornar humano em Jesus Cristo. É somente no relacionamento que experimentamos plenamente nossa humanidade, e ao amarmos o próximo e partilharmos de seu sofrimento, nos tornamos completamente humanos da maneira que Deus deseja que sejamos, e da maneira que nos revelou no exemplo

de Jesus Cristo. O ímpeto de nossa solidariedade está na construção de comunidades justas e inclusivas, cultivando a compaixão e promovendo o bem comum, prestando maior atenção às feridas do mundo que Jesus abraçou por meio de seu sofrimento com as pessoas marginalizadas do mundo – as que vivem “fora das portas da cidade” (Hebreus 13:12).

- 4. Diálogo e aprendizagem mútuos:** Somos chamados a aprender uns com os outros nesta época de crise. Devemos também estar abertos para o que Deus pode nos ensinar por meio daqueles/as de quem menos esperamos aprender alguma coisa (ver Atos 11:1-18). As pessoas pobres e feridas frequentemente têm lições importantes para ensinar e dons a oferecer. Todos/as nós precisamos reconhecer a pobreza e a ferida dentro de nós. Precisamos estar prontos para que nossas vidas mudem na mesma medida em que buscamos mudar a vida de outras pessoas: por exemplo, quando populações migrantes e refugiadas são bem-vindas, tanto estas populações quanto as comunidades que as acolhem podem ser transformadas no processo. Nos que sofrem e são vulneráveis, há a oportunidade de encontrar as obras de Deus (ver João 9:2-3). Criados à imagem e semelhança de Deus, todos os seres humanos pode ser um espelho da imagem divina para nós e nos ajudar a questionar como estamos nos saindo em nosso chamado a mostrar o amor de Deus aos outros.
- 5. Arrependimento e renovação:** Para fazer parte do processo de cura e plenitude, nós, Cristãos e Cristãs, somos chamados a reconhecer nossa cumplicidade e culpa em muitos sistemas de opressão que exacerbam o sofrimento de muitos (2 Samuel 12). Com a certeza de que nosso Deus perdoa, precisamos nos perguntar como nós, que somos feridos/as pelo pecado, ferimos outras pessoas e, mais amplamente, toda a criação

de Deus. Precisamos ouvir o clamor de nossa Mãe Terra e de nossos irmãos e irmãs que sofrem. Com dor no coração, reconhecemos que, como comunidades, também temos um histórico de abusos que feriram as pessoas mais vulneráveis entre nós. A confissão de nossa cumplicidade no sofrimento é o ponto de partida para uma verdadeira renovação que nos permitirá viver vidas mais justas. Essa reflexão autocrítica também nos ajudará a resistir à tentação de culpar os/as pobres por sua pobreza ou aqueles/as que são feridos por suas feridas. Ela também nos ajuda a rejeitar a ideia de que Deus escolhe algumas pessoas para prosperar e outras para sofrer com base em seu valor ou ações, e a superar os sistemas de injustiça que perpetuamos tacitamente por meio do silêncio e da neutralidade.

**6. Gratidão e generosidade:** Cristãos e Cristãs são chamados/as a mostrar gratidão e generosidade. Devemos lembrar que, por nenhum mérito próprio, somos ricos em dons dados por Deus, a fonte de todo dom perfeito (ver Tiago 1:17). Por isso, devemos ser gratos/as a Deus. Devemos resistir à tentação de apegar-nos a nossos bens materiais. Uma das marcas definidoras da Igreja primitiva foi sua economia do compartilhamento radical, acompanhada como foi por corações alegres e sinceros (ver Atos 2:45,46). Também vemos exemplos de comunidades Cristãs primitivas transbordando de alegria e generosidade, mesmo em meio a severas aflições e extrema pobreza, por meio da graça empoderadora de Deus, que em Jesus Cristo se tornou pobre para o nosso bem (2 Coríntios 8:1-9). Nossa alegria e gratidão pela autorrevelação de Deus a nós em Jesus Cristo nos oferece a segurança e a confiança de que precisamos para colocar todo o nosso ser em risco a serviço de um mundo ferido, inspirado por exemplos inesperados de generosidade.

**7. Amor:** Somos chamados a viver o amor de Cristo, mostrando ao mundo sua face. Amamos porque ele nos amou primeiro (ver 1 João 4:19). O amor vivido mostra a verdadeira face do Cristianismo (ver João 13:35), mesmo quando às vezes a face que apresentamos como Cristãos e Cristãs – ou a face que outros constroem – pode ser difícil de amar. Nossa fé se torna viva em ações que vivem o amor de Cristo. Portanto, trabalhar juntos por um mundo melhor constrói de diversas maneiras o reino de Deus de justiça, paz e alegria. Fazê-lo mantém nossa fé e missão vivas e ativas, transforma nossa vida como Cristãos e Cristãs em um sinal amoroso da presença de Cristo, e constrói o amor e a compreensão entre nós e às pessoas às quais nos unimos para expressar nosso amor na ação. Quando trabalhamos para aliviar o sofrimento, trabalhamos também para o reino que nos foi prometido em Cristo e por Cristo, onde os últimos serão os primeiros (ver Mateus 20:16) – em marcante contraste com os impérios de nosso tempo.

# Recomendações

Apelamos a todos os Cristãos e Cristãs a servirem ao próximo e a seu lado, levando em consideração as recomendações abaixo.

- 1. Encontrar formas de testemunhar o sofrimento**, chamando a atenção para ele e desafiando quaisquer forças que visem silenciar ou excluir a voz dos feridos e vulneráveis entre nós, responsabilizando as pessoas e as estruturas por trás desse sofrimento.
- 2. Promover uma cultura de inclusivismo que celebre a diferença como um dom de Deus**, oferecendo um contraponto a todos os sinais de exclusivismo que vemos hoje em nossas sociedades em vários níveis. Isso precisa começar na vida familiar e continuar em outras instituições sociais. Para tal, recomendamos o uso responsável das redes sociais para empoderar a comunicação saudável e construtiva e para ampliar o alcance da mensagem de paz e solidariedade.
- 3. Cultivar a solidariedade por meio da espiritualidade**, considerando como as práticas espirituais tradicionais como a oração, o jejum, a abnegação e os atos de caridade podem ser mais profundamente infundidos com a consciência das necessidades do mundo mais amplo e de nosso chamado a ser solidários/as com os que sofrem.
- 4. Ampliar a formação** oferecida ao clero, membros de comunidades e ordens religiosas (homens e mulheres),

leigos/as, agentes pastorais e estudantes para fomentar a empatia e equipá-los/as com o melhor conhecimento e as ferramentas para trabalhar por uma humanidade ferida em cooperação com o próximo.

- 5. Envolver e apoiar os jovens**, cujo idealismo e energia podem ser um antídoto para a tentação do cinismo, no esforço de curar o mundo ferido do qual fazemos parte.
- 6. Criar espaços para diálogo** (como este documento pretende fazer) que sejam abrangentes e inclusivos. Aprender com membros de outras religiões sobre suas motivações, princípios e recomendações para trabalhar em solidariedade inter-religiosa, e para que possamos nos aproximar tanto em compreensão quanto em cooperação. Dar espaço para que as populações marginalizadas sejam ouvidas e respeitadas, oferecendo espaços de pertencimento. Criar plataformas para que grupos diferentes possam estar na companhia uns dos outros, para que possam crescer no amor e na compreensão.
- 7. Reestruturar projetos e processos para fomentar a solidariedade inter-religiosa** através de uma análise dos projetos em curso e de pontos fortes existentes, estabelecendo onde estes projetos poderiam se beneficiar da cooperação com outras comunidades, organizações ou agências. Reestruturar projetos de forma a afirmar a diversidade em que somos criados/as. Nosso trabalho só pode refletir a plenitude da humanidade se resistirmos à tentação de deixar as coisas “entre nós”. Servir juntos a um mundo ferido torna a todos e todas nosso próximo.

# Conclusão

A solidariedade ecumênica e inter-religiosa permite que nosso compromisso religioso seja um fator que une as pessoas, e não um fator que as divide. Quando trabalhamos lado a lado com crentes de outras religiões e pessoas de boa vontade, modelamos a paz, a justiça e a interconexão que estão no cerne das nossas convicções de fé ao mesmo tempo em que recriamos e reforçamos esses valores.

Para os Cristãos e Cristãs, a solidariedade inter-religiosa é uma forma de viver o mandamento de Jesus Cristo de amar o próximo, mas também de trabalhar com o próximo na busca da paz, que é a vontade de Deus para o mundo. Crescer no amor pelas pessoas a quem ajudamos, com as quais ajudamos e que nos ajudam cria muitas maneiras através das quais podemos viver plenamente o que Deus nos criou para ser – portadores da imagem divina e compartilhadores dessa imagem com outros.

Ao nos abirmos para servir a um mundo ferido pela COVID-19 por meio da solidariedade ecumênica e inter-religiosa, que possamos tirar força do exemplo daquele que seguimos, Jesus o Cristo. Ele não veio para ser servido, mas para servir (Mateus 20:28). Imitando o amor e a generosidade do Bom Samaritano, que busquemos apoiar os fracos e vulneráveis, consolar os aflitos, aliviar a dor e o sofrimento e garantir a dignidade de todos. Que nós, abrindo o coração para o diálogo e abrindo as mãos em solidariedade, possamos construir juntos um mundo marcado pela cura e pela esperança.

A capa, concebida pela Irmã Judith Zoebelein, FSE (PCID), retrata mãos de solidariedade centradas no coração. Ela comunica o sofrimento e a partilha das feridas do sofrimento infligido pela pandemia de COVID-19 e outros problemas que flagelam os seres humanos e a Terra. A máscara simboliza o esforço, sacrifício, solidariedade e responsabilidade da humanidade de proteger a vida durante este tempo.



**World Council  
of Churches**

